

PEDRO LIMA SALOMÃO

**MEU MUNDO É MEU QUARTO:
EXPRESSÃO DA PERSONALIDADE ATRAVÉS DOS
QUARTOS**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2024

PEDRO LIMA SALOMÃO

**MEU MUNDO É MEU QUARTO:
EXPRESSÃO DA PERSONALIDADE ATRAVÉS DOS QUARTOS**

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Kátia Fraga

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
2024



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Memorial intitulado *Meu Mundo é Meu Quarto: Expressão da Personalidade Através dos Quartos*, de autoria do estudante Pedro Lima Salomão, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª Dr^ª Kátia de Lourdes Fraga– Orientadora
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Prof^ª Dr^ª Mariana Lopes Bretas
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Jornalista Diogo Soares Moreira Rodrigues
Curso de Comunicação Social - Jornalismo UFV

Viçosa, 30 de agosto de 2024.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar expressando minha mais profunda gratidão aos meus pais, que sempre foram pilares fundamentais em minha vida, me incentivando a perseguir os meus sonhos com determinação e coragem. Desde jovem, tive o sonho de estudar fora de São Paulo, e sempre me apoiaram. Ingressar em uma Universidade Federal foi um desafio significativo, repleto de obstáculos e momentos de incerteza durante os dois anos de cursinho, mas a força e o apoio dos meus pais foram cruciais para que eu pudesse alcançar esse objetivo. Hoje, o sentimento que me acompanha é o de que todo o esforço e dedicação que eles investiram para me trazer até aqui merecem ser retribuídos. E não há maneira mais gratificante de fazer isso do que conquistando o meu diploma, um símbolo de todo o sacrifício e amor que dedicaram à minha educação.

Agradeço profundamente ao meu pai, que, com sua sabedoria, me ensinou lições valiosas sobre a vida. Ele me mostrou que, mesmo diante das dificuldades e adversidades, é essencial erguer a cabeça e seguir em frente, mantendo sempre a racionalidade e o equilíbrio. À minha mãe, dedico um agradecimento especial por sempre fazer tudo por mim, sem medir esforços, e por me ensinar a importância de agir com o coração. Sua capacidade de amar incondicionalmente e de se doar pelos outros me mostrou o valor da empatia e da compaixão. Essa combinação de racionalidade, ensinada pelo meu pai, e emoção, transmitida pela minha mãe, me faz sentir completo.

Estendo minha gratidão a todos os meus familiares, que sempre estiveram ao meu lado, prontos para oferecer apoio e assistência quando necessário. Além disso, sou imensamente grato a todos os amigos que Viçosa me proporcionou. Quando me perguntam por que escolhi Viçosa ao invés de estudar em São Paulo, sempre respondo que as pessoas incríveis que conheci tornaram essa escolha extremamente valiosa. Cada amizade formada ao longo desses anos enriqueceu minha experiência acadêmica e pessoal, proporcionando momentos inesquecíveis e aprendizados que levarei comigo para sempre.

Agradeço especialmente à Karina, uma das pessoas maravilhosas que conheci durante a graduação e com quem tenho a sorte de dividir o lar. Seu apoio foi essencial para a realização deste projeto, e não encontro palavras para descrever sua importância em minha vida. Sua presença constante e encorajamento me deram a confiança necessária para seguir em frente e acreditar no meu potencial.

Por fim, gostaria de expressar minha profunda gratidão à professora Kátia Fraga, que não desistiu de mim e me incentivou a concluir este projeto com dedicação e excelência. Seu apoio e orientação

foram fundamentais ao longo dessa jornada acadêmica. Agradeço também a todos os professores e técnicos do Departamento de Comunicação (DCM) que fizeram parte da minha trajetória na Universidade Federal de Viçosa (UFV), especialmente a professora Mariana Bretas, suas contribuições sobre o projeto foram extremamente valiosas, e também o Diogo Rodrigues, por todo suporte ao longo do curso. Cada um deles contribuiu de maneira única para o meu desenvolvimento, oferecendo conhecimento, apoio e inspiração ao longo do caminho.

RESUMO

A personalidade é uma qualidade individual que pode ser expressa de diversas formas. O livro *Meu Mundo é Meu Quarto: Expressão da Personalidade Através dos Quartos* busca representar essa expressão através de fotografias, escolhendo o quarto como elemento central. O quarto, além de ser um local de descanso, é um espaço íntimo onde ocorrem diversas experiências pessoais, conferindo-lhe riqueza e complexidade. A decoração, a organização e até o estado de arrumação ou desordem refletem traços da personalidade de seu ocupante. Inspirado por obras de arte como “Onde as Crianças Dormem”, de James Mollison, “O Quarto em Arles”, de Vincent Van Gogh, e “Minha Cama” de Tracey Emin, este projeto fotográfico busca capturar a autenticidade dos quartos em seu estado natural, sem prévia organização. A proposta é mostrar o quarto como ele realmente é, revelando a autenticidade e os traços únicos da personalidade de seus ocupantes. O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é promover uma reflexão sobre como o quarto pode servir como um espelho da personalidade. Ao documentar esses ambientes, o livro pretende trazer a reflexão acerca da importância simbólica dos espaços pessoais. Assim, este trabalho busca criar uma narrativa visual que celebra a riqueza da diversidade humana, explorando a interligação entre espaço e personalidade.

PALAVRAS-CHAVE

Personalidade; quarto; fotografia; fotojornalismo.

ABSTRACT

Personality is an individual quality that can be expressed in many ways. The book *My World is My Room: Expression of Personality Through Rooms* seeks to represent this expression through photographs, choosing the bedroom as the main element. The bedroom, besides being a place to rest, is an intimate space where multiple personal experiences take place, providing richness and complexity. The decoration, the organization and even the state of tidiness or disorder reflect traits of the occupant's personality. Inspired by works of art such as “Where Children Sleep”, by James Mollison, “Bedroom in Arles”, by Vincent Van Gogh, and “My Bed”, by Tracey Emin, this photographic project seeks to capture the authenticity of bedrooms in their natural state, without prior organization. The proposal is to show the room as it really is, revealing the authenticity and unique traits of its occupants' personalities. The objective of this work is to instigate a reflection about how a bedroom can serve as a mirror of personality. By documenting these environments, the book intends to bring reflection about the symbolic importance of personal spaces. Thus, this work seeks to create a visual narrative that celebrates the richness of human diversity, exploring the interconnection between space and personality.

KEY-WORDS

Personality; bedroom; photograph; photojournalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OBJETIVOS.....	11
2.1 Objetivo geral:.....	11
2.2 Objetivos específicos:.....	11
3. JUSTIFICATIVA	11
4. CONCEITOS.....	12
4.1 Personalidade.....	12
4.2 Fotografia	14
4.3 Fotojornalismo.....	17
4.4 Fotodocumentário.....	18
5. PROCESSO DE PRODUÇÃO	20
5.1 Pré produção.....	21
5.2 Produção.....	22
5.3 Pós produção.....	24
5.4 Contextualização dos quartos.....	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

A personalidade, uma qualidade intrínseca e única, é o pano de fundo que dita nossas ações e reações em meio às variadas situações da vida. À primeira vista, muitas vezes, classificam-se as personalidades como fortes, fracas ou até mesmo ausentes, fundamentando-se nas observações de comportamentos. No entanto, é crucial compreender que a personalidade é inerente a todos, moldando diretamente as ações e comportamentos individuais. De acordo com Carl Jung, psiquiatra suíço e fundador da corrente de psicologia analítica, “o escopo mais amplo e o mais forte dos desejos consiste no desenvolvimento daquela totalidade do ser humano à qual se dá o nome de personalidade” (JUNG, 1981, p. 148).

Este processo de formação da personalidade não é, contudo, estático; é uma construção contínua, influenciada por diversos fatores. Desde as relações familiares e amizades até os ambientes escolares, de trabalho e de convívio, tudo contribui para a complexa construção de nossa identidade. Sobre o processo de construção da personalidade, Jung afirma que geralmente se vê na "personalidade" a totalidade psíquica, dotada de decisão, resistência e força, mas isso é um ideal de pessoa adulta, que se pretende atribuir à infância. Tal pretensão apenas pode ocorrer em uma época em que o indivíduo ainda está inconsciente da sua condição de adulto ou — o que é pior — procura conscientemente esquivar-se dele. (JUNG, 1981, p. 150)

Isto significa dizer que a personalidade é desenvolvida desde a primeira infância, levando em consideração todos os momentos pelos quais uma pessoa passa ao longo de sua existência. Assim, a partir desse processo de constituição que, como aponta Jung, não se pode pretender estar restrito apenas ao período da infância, a personalidade pode se manifestar em diferentes aspectos da vida.

O foco deste trabalho recai, portanto, em um ambiente específico no qual as mais diversas maneiras de expressar a personalidade podem ser encontradas: o quarto. A seleção do quarto como elemento central se justifica pela riqueza e complexidade desse espaço. Mais do que um mero local de repouso, o quarto é um refúgio pessoal, onde experiências positivas e negativas são vivenciadas. A decoração, a organização e até o estado de arrumação ou desordem comunicam informações sobre a personalidade de alguém. Tais elementos podem indicar traços como extroversão ou introversão, criatividade e níveis de organização.

O ambiente do quarto, intrínseco à vida cotidiana, foi tema central de obras de arte ao longo da história, sublinhando sua relevância na expressão das emoções e da personalidade humanas. Um exemplo marcante é a série de quadros "O Quarto em Arles" (1888-1889) de Vincent Van Gogh.

Durante seu tempo em Arles, no sul da França, Van Gogh dedicou-se a retratar o próprio quarto onde residia, usando cores e pinceladas para transmitir uma sensação de paz e serenidade a esse local de descanso. Essa escolha estética evidencia como a decoração e as cores podem servir como reflexo da personalidade. Sobre a composição da obra e sua significação, Carvalho e Pinheiro (2015) apontam que

Nesse caso, o vermelho escarlate é percebido pelo observador mais rapidamente e sugere certa tepidez ao espaço. Um espaço de repouso e descanso como o próprio van Gogh afirmou ao escrever para o irmão sobre esta obra. (CARVALHO, 2015, p.50)

Além de Van Gogh, Rochelle Costi, em sua obra "Quartos" (1998), também contribui para essa exploração. A fotógrafa dedica-se a retratar quartos de pessoas de diferentes camadas sociais, transcendendo a mera documentação visual e buscando revelar significados ocultos em cenas cotidianas aparentemente comuns. O cerne de seu trabalho está em destacar desejos, aspirações e sentimentos que se manifestam na atmosfera e nos objetos presentes em cada quarto. Em relação à escolha de seu objeto de estudo, Costi reflete:

Na época tirei férias da revista onde trabalhava e saí por São Paulo à procura de exemplares para a minha pesquisa: espaços temporários como pensões para trabalhadores nordestinos e alojamentos nos canteiros de obras da construção civil, apartamentos do Projeto Cingapura, barracos cortiços, prostíbulo, refúgio espiritual, residências de classe média e alta. Concluído o levantamento, um conjunto eclético de imagens, pude perceber uma incrível harmonia entre elas, como se houvésemos alcançado a intangível igualdade entre os seres humanos. Parece-me que na cama, durante o sono e abandono da consciência, finalmente chegamos a ser todos realmente semelhantes. (Entrevista de Rochelle Costi à Ivo Mesquita. In: ROSA, 2005 apud OLIVEIRA, 2019, p. 177)

Ambos os artistas citados, em sua expressão única, aprofundam a compreensão da riqueza de significados que o quarto pode desvendar. O quarto, por meio de sua representação artística, torna-se um veículo para a profundidade emocional e a complexidade da experiência humana, indo além da simples definição como local de descanso para se transformar em um espelho de si.

Outra obra que enriquece esse diálogo artístico é "Minha Cama" (1998), de Tracey Emin. Após enfrentar dias de depressão, Emin exibiu sua cama exatamente como ficou após esse período intenso. A obra, que revela preservativos, secreções corporais, manchas de sangue e lixo, provocou impacto ao oferecer um vislumbre direto do estado emocional perturbador da artista. Nas palavras da autora,

Quando despertei estava tão desidratada que pensei que, se não bebesse água, morreria. De alguma maneira, não sei como, caí e me arrastei de quatro até a cozinha, tomei uma bebida, lentamente dei alguns poucos goles, e voltei ao quarto, e ali estava eu, e era tudo... Era asqueroso. E olhei para a cama e pensei: "Oh, Meu Deus, podia ter morrido aqui", e assim seria como teriam me encontrado. E então, passei repentinamente de estar horrorizada pelo que estava diante de mim a me sentir distanciada de tudo aquilo que, de repente, percebi como algo belo. Imaginei a cena fora daquele contexto, congelada, fora da minha cabeça, em outro lugar. (SÁEZ PRADAS apud NUNES, 2017, p.248)

No âmbito das artes visuais, o quarto emerge como um palco dinâmico para a interação entre personalidade, emoções e experiências. A exposição franca de Emin, a reflexão tranquila de Van Gogh e a análise detalhada de Costi destacam o quarto como uma entidade viva, moldada pelas características únicas das pessoas que o habitam. O quarto transcende sua função inicial de mero espaço de descanso para se tornar um microcosmo revelador da diversidade e complexidade humanas. Assim, a interligação entre personalidade, quarto e arte perpetua-se, oferecendo uma visão cativante da intrincada dança entre a individualidade e o ambiente que habitamos.

Pensando nas obras citadas e no contexto no qual estou inserido, este projeto experimental busca transmitir traços da personalidade por meio de fotografias, entendendo o quarto como uma tela em branco que gradualmente reflete a individualidade de seus habitantes. A proposta é fotografar os quartos em seu estado natural, sem prévia organização, a fim de capturar o ambiente autêntico. Essa abordagem visa mostrar o quarto como ele realmente é, revelando a autenticidade e os traços únicos da personalidade de seus ocupantes.

A inspiração para realizar este trabalho surgiu após conhecer o projeto "Onde as Crianças Dormem" de James Mollison. Neste projeto, o autor retrata quartos de crianças ao redor do mundo, e através das fotografias é possível notar as diferenças entre as infâncias de diversas culturas e condições sociais. Mollison focou principalmente nas distintas condições sociais, apresentando retratos de crianças em quartos repletos de brinquedos e decorações, evidenciando um ambiente familiar bem estruturado. Em contraste, há retratos onde o quarto da criança é apenas um colchão na rua.

Esse trabalho provocou uma reflexão sobre como o ambiente de cada criança pode influenciar na construção da personalidade. A partir dessa reflexão, decidi focar apenas no elemento do quarto, sem abordar as diferentes condições sociais.

Nessa reflexão, pensei imediatamente em meu quarto e como ele expressa minha personalidade. Ele contém diversos objetos que refletem minhas paixões, desde itens relacionados ao futebol e skate, esportes que mais gosto de praticar, até instrumentos musicais, quadros, brinquedos, câmeras antigas e, principalmente, muita bagunça.

Ao sair de São Paulo para cursar jornalismo na Universidade Federal de Viçosa, passei por diversos quartos, todos sem decoração, apenas a desordem se manteve. Durante o curso, tive acesso a câmeras e a oportunidade de explorar o mundo da fotografia. Participei de diversos projetos ao longo da minha

trajetória acadêmica, sempre relacionados à fotografia, o que me permitiu me identificar como fotógrafo e assim decidir criar este livro fotográfico.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

O objetivo principal deste Trabalho de Conclusão de Curso é produzir um livro fotodocumental que explore de maneira íntima e artística os quartos das pessoas. Por meio da linguagem visual da fotografia, busca-se capturar e comunicar a diversidade de estilos, personalidades e modos de vida presentes nos espaços privados das pessoas.

2.2 Objetivos específicos:

Capturar a personalidade individual: Registrar, por meio de fotografias, elementos que reflitam a singularidade e a individualidade presentes nos quartos das pessoas, destacando elementos que expressem suas personalidades, gostos e histórias pessoais.

Explorar a diversidade de estilos: Investigar e documentar uma variedade de estilos de decoração e organização nos quartos, destacando como essas escolhas estéticas contribuem para a expressão única de cada indivíduo.

Promover a reflexão: Estimular a reflexão sobre a importância simbólica dos espaços pessoais, incentivando os leitores a considerarem a relação entre o ambiente em que vivem e sua própria personalidade.

Ao atingir esses objetivos, busca-se criar um trabalho que vá além do simples registro visual, transformando-se em uma narrativa visual que celebra a riqueza da diversidade humana por meio da representação artística e sensível dos quartos das pessoas.

3. JUSTIFICATIVA

A proposta de desenvolver um livro fotodocumental explorando os quartos das pessoas e analisando como a forma desses espaços reflete a personalidade de seus ocupantes se fundamenta em uma busca intrínseca por compreender a interseção entre o ambiente doméstico e a identidade individual.

Os quartos são espaços íntimos que transcenderam seu propósito funcional para se tornarem verdadeiros reflexos das personalidades, preferências e histórias de quem os habita. O olhar direcionado para esses ambientes revela não apenas escolhas estéticas, mas também proporciona insights sobre a personalidade, a cultura e as experiências pessoais de cada indivíduo.

Este trabalho justifica-se, portanto, a partir da perspectiva de mergulhar nas nuances visuais dos quartos, utilizando a poderosa linguagem da fotografia para documentar e interpretar os elementos que compõem esses espaços íntimos. Ao destacar a relação intrínseca entre o ambiente e a personalidade, busca-se não apenas criar um registro visual, mas também fomentar uma reflexão profunda sobre como os espaços que habitamos se tornam extensões de quem somos.

Entender como a disposição, decoração e organização dos quartos podem ser expressões visuais da identidade oferece uma oportunidade única para explorar as complexidades humanas.

Para a realização do livro foi necessário fazer um recorte da região onde iria fotografar, e me baseei em minha experiência. A casa onde cresci está localizada na divisa das subprefeituras de Itaquera e Penha, na zona leste de São Paulo. Escolhi essas duas regiões para o projeto, que incluiu 11 pessoas, sendo uma delas eu.

Ao final, o livro *Meu Mundo é meu Quarto*: não será apenas um testemunho visual da diversidade de estilos e gostos, mas também uma narrativa sensorial que convida o público a considerar a profunda relação entre o ambiente pessoal e a construção da própria identidade. Assim, este trabalho pretende contribuir para a apreciação e compreensão do entrelaçamento entre espaço e personalidade, proporcionando uma experiência enriquecedora aos leitores e ampliando o diálogo sobre a importância simbólica de nossos espaços privados.

4. CONCEITOS

A seguir, serão apresentadas as conceituações teóricas dos elementos utilizados neste trabalho.

4.1 Personalidade

A compreensão da personalidade é um campo complexo e multifacetado que tem intrigado estudiosos ao longo das eras. Jaan Valsiner, psicólogo estoniano, oferece uma abordagem única e profunda para

explorar o conceito de personalidade, destacando a dinâmica interativa entre o indivíduo e seu contexto social.

Em um primeiro momento, é válido ainda destacar que “a palavra ‘personalidade’ deriva da palavra latina *persona*, que se refere a uma máscara teatral usada pelos artistas para desempenhar papéis ou disfarçar suas identidades” (CHERRY, 2023, tradução nossa). Isso significa dizer que a personalidade é, na verdade, uma máscara usada por um indivíduo quando este está inserido na sociedade.

Para Gonçalves da Silva (2009),

a personalidade é uma objetivação da individualidade, a sua expressão máxima, mais complexa. É um processo resultante da relação do indivíduo com o mundo, tendo origem endopsíquica, que engloba as particularidades das funções psicológicas superiores e do temperamento, e a exopsíquica, que abarca as experiências vividas pelo indivíduo na sociedade. É claro que há uma relação de interdependência do endopsiquismo e do exopsiquismo, já que a gênese das funções psicológicas superiores é social, e a dimensão biológica também determina o âmbito social; mas a gênese da personalidade, apesar da dimensão biológica também ser dela constitutiva, é social.

A personalidade é um processo resultante de relações entre as condições objetivas e subjetivas do indivíduo, que, inserido numa sociedade (e essa é a condição fundamental), singulariza-se e diferencia-se ao ponto de ser único. (GONÇALVES DA SILVA, 2009, p. 176)

Entendendo isso, é possível notar porque Valsiner (2007) fundamenta suas ideias no contextualismo dinâmico, uma abordagem que rejeita a visão de que a personalidade é um conjunto de traços fixos, independentes do ambiente. Pelo contrário, ele argumenta que a personalidade é fluida, moldada pelas interações constantes entre o indivíduo e seu contexto social. Essa perspectiva dinâmica ressalta a natureza em constante evolução da personalidade ao longo do tempo. Nesta mesma perspectiva, Gonçalves da Silva define a personalidade como “produto da atividade individual condicionada pela totalidade social” (GONÇALVES DA SILVA, 2009, p. 177)

Uma das contribuições marcantes de Valsiner é a ênfase na coconstrução social da personalidade. Ele sugere que a personalidade é um processo em constante transformação, influenciado pelas experiências sociais e pelas interações com outros indivíduos. O indivíduo não é uma entidade isolada; mas sim um produto emergente das complexas interações sociais que ocorrem ao longo da vida.

Ao contrário de abordagens que focam em estágios específicos do desenvolvimento, Valsiner (2007) enfatiza a continuidade do desenvolvimento ao longo da vida. Ele propõe que a personalidade está sujeita a mudanças e adaptações contínuas, influenciadas pelas experiências vivenciadas em

diferentes fases da vida. Jung, do contrário, propõe que as mudanças só acontecem em momentos de necessidade humana. O autor afirma que

Ninguém desenvolve sua personalidade porque alguém lhe disse que seria bom e aconselhável fazê-lo. A natureza jamais se deixa impressionar por conselhos dados com boa intenção. Somente algo que obrigue atuando como causa é que move a natureza, e também a natureza humana. Sem haver necessidade, nada muda e menos ainda a personalidade humana. Ela é imensamente conservadora, para não dizer inerte. Só a necessidade mais premente consegue ativá-la. Do mesmo modo o desenvolvimento da personalidade não obedece a nenhum desejo, a nenhuma ordem, a nenhuma consideração, mas somente à necessidade; ela precisa ser motivada pela coação de acontecimentos internos ou externos. Qualquer outro desenvolvimento seria justamente o individualismo. Por isso a acusação de individualismo equivale a um insulto banal, quando é dirigida ao desenvolvimento natural da personalidade. (JUNG, 1981, p. 153)

Em suma, então, a personalidade é construída ao longo da vida do indivíduo e está sujeita a mudanças de acordo com o contexto social no qual a pessoa se insere, bem como nas dificuldades e situações particulares pelas quais cada um passa.

4. 2 Fotografia

A fotografia é uma forma de arte e expressão visual que captura e preserva momentos no tempo por meio da luz e da imagem. Seu conceito básico reside na utilização de dispositivos ópticos para focalizar a luz em uma superfície sensível à luz, resultando na criação de uma imagem que reflete a cena observada. A história da fotografia é marcada por avanços tecnológicos, inovações artísticas e uma profunda influência na maneira como percebemos e documentamos o mundo ao nosso redor. Sobre o período no qual a fotografia se desenvolveu, Kossoy (2001) aponta que

Com a Revolução Industrial verifica-se um enorme desenvolvimento das ciências: surge naquele processo de transformação econômica, social e cultural uma série de invenções que viriam influir decisivamente nos rumos da história moderna. A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. (KOSSOY, 2001, p. 27)

O ponto de partida para a fotografia remonta, portanto, ao século XIX, embora os princípios ópticos e químicos que a sustentam tenham sido explorados ao longo dos séculos anteriores. No entanto, foi somente no início do século XIX que a fotografia foi oficialmente inventada. Em 1826, Joseph Nicéphore Niépce capturou a primeira imagem permanente usando uma substância química sensível à luz em uma placa de estanho, marcando o início da jornada da fotografia.

A evolução rápida da tecnologia fotográfica continuou com a invenção do daguerreótipo por Louis Daguerre em 1839. Essa técnica utilizava placas de prata sensíveis à luz e foi a primeira forma de

fotografia comercialmente viável. Com o tempo, surgiram diversas inovações, incluindo a introdução de negativos por William Henry Fox Talbot, que possibilitaram a produção de múltiplas cópias de uma única imagem.

A popularização e expansão da fotografia permitiu que uma nova forma de ter contato com o real se desenvolvesse. Kossoy afirma que

O mundo tornou-se de certa forma "familiar" após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. Com a descoberta da fotografia e, mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais. Era o início de um novo método de aprendizado do real, em função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual dos hábitos e fatos dos povos distantes. Microaspectos do mundo passaram a ser cada vez mais conhecidos através de sua representação. O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua imagem 'fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado. (KOSSOY, 2001, p. 28-29)

O século XX testemunhou avanços significativos na fotografia, com a transição da película para a fotografia digital. O advento das câmeras digitais transformou radicalmente a prática fotográfica, tornando-a mais acessível e permitindo a manipulação digital das imagens. No que se diz respeito à adaptação dos profissionais às diversas mudanças que a fotografia sofreu durante as últimas décadas, Oliveira (2003) aponta que

A fotografia digital provocou uma ruptura entre os profissionais da imagem, principalmente fotojornalistas, dando origem a três categorias de profissionais no mercado de fotografia: a primeira é formada por veteranos fotógrafos, a segunda, por fotógrafos que vêm acompanhando a morte gradativa da fotografia analógica, e a terceira, por fotógrafos mais jovens, que assistem ao nascimento da fotografia digital. (OLIVEIRA, 2006, p. 3)

O advento das câmeras digitais trouxe consigo uma série de benefícios, incluindo a capacidade de visualizar instantaneamente as imagens capturadas, ajustar configurações em tempo real e armazenar um grande número de fotos em dispositivos de armazenamento compactos.

A transição para a fotografia digital também abriu caminho para a democratização do meio, permitindo que entusiastas e amadores explorem sua criatividade sem os custos associados ao filme e ao processamento. Essa democratização atingiu seu ápice com a popularização dos smartphones, que se tornaram ferramentas poderosas para a captura de imagens.

Os smartphones, equipados com câmeras cada vez mais avançadas, tornaram-se instrumentos essenciais para a fotografia cotidiana. A conveniência de carregar uma câmera de alta qualidade no bolso levou a uma explosão na produção de imagens, compartilhamento em redes sociais e até mesmo

à criação de movimentos fotográficos exclusivos para smartphones. A tecnologia de processamento de imagem e as capacidades de edição diretamente nos dispositivos móveis elevaram ainda mais o potencial criativo dos fotógrafos amadores e profissionais.

No universo profissional, muitos fotógrafos adotaram os smartphones como ferramentas para a captura de imagens. A combinação de sensores avançados e aplicativos especializados permitiu a criação de trabalhos de alta qualidade, desafiando as noções tradicionais de equipamento profissional. Além disso, o uso de smartphones oferece mobilidade e agilidade, sendo especialmente valioso em situações onde o acesso rápido e discreto é crucial.

Em resumo, a história da fotografia é uma jornada fascinante que passou por múltiplas transformações, desde os primórdios da fotografia analógica até a era digital, com os smartphones desempenhando um papel significativo na evolução do meio.

Atualmente, a fotografia desempenha um papel central em nossa sociedade, sendo utilizada para documentar eventos, contar histórias, explorar questões sociais e expressar a visão única de cada fotógrafo sobre o mundo. Seja por meio de câmeras profissionais ou smartphones, a fotografia continua a evoluir, influenciando nossa percepção visual e proporcionando uma poderosa ferramenta para a comunicação e a expressão pessoal. Oliveira (2006) aponta que

Com todo esse avanço tecnológico, faz-se necessário discutir o papel do fotojornalista a partir do surgimento da fotografia digital. O acesso a esse tipo de equipamento se torna cada dia mais comum em aparelhos celulares e agendas de bolso com câmeras fotográficas acopladas. Basta, nesse caso, uma resolução de imagem compatível com as publicações para que qualquer cidadão possa veicular seu material em noticiário escrito e televisivo, provocando uma verdadeira revolução no jornalismo. Casos assim ocorreram recentemente no atentado terrorista de Madri e no terremoto na Ásia. (OLIVEIRA, 2006, p. 6)

A fotografia não é apenas uma ferramenta técnica, mas também uma forma de expressão artística. Barthes (1993) propõe o pensamento de que a primeira pessoa a ver a primeira fotografia feita deve ter pensado estar vendo uma pintura, afinal de contas tanto o enquadramento quanto a perspectiva eram os mesmos. Naquele momento, de acordo com o autor, nada seria capaz de diferenciar uma pintura de uma fotografia.

No entanto, Barthes defende que a maior semelhança entre a fotografia e uma forma de arte reconhecida se dá com o teatro. Para ele, a relação com a morte presente no teatro (seja por meio da caracterização que “mata” o ator para dar vida ao personagem; seja com a imitação de estátuas – elementos não vivos – etc) também está presente na fotografia. Não importa o quanto o fotógrafo se esforce para conceber sua obra e tentar dar vida a ela, a fotografia se torna, inevitavelmente, “a

figuração da face imóvel e pintada sob a qual vemos os mortos” (BARTHES, 1993, p. 54). Dessa forma, ao longo dos anos, fotógrafos renomados como Ansel Adams, Dorothea Lange, Henri Cartier-Bresson e muitos outros contribuíram para a elevação da fotografia ao status de arte. Suas obras não apenas documentam eventos históricos, mas também capturam a essência emocional e estética do momento.

4.3 Fotojornalismo

O fotojornalismo é uma forma distinta de comunicação que transcende as barreiras da linguagem escrita, utilizando imagens para contar histórias, informar e provocar reações emocionais. Essa prática única representa uma poderosa convergência entre o jornalismo e a fotografia, onde a narrativa visual desempenha um papel fundamental na transmissão da realidade e na criação de impacto.

No coração do fotojornalismo reside o compromisso de capturar momentos autênticos e significativos que contam uma história por si só. Enquanto o jornalismo tradicional se apoia na palavra escrita, o fotojornalismo busca complementar e, em muitos casos, substituir a narrativa textual por meio de imagens impactantes. Essas fotografias não são simples registros visuais; são crônicas visuais que transcendem o tempo, immortalizando eventos, emoções e experiências. Para Sousa (2002),

o aparecimento do primeiro tabloide fotográfico, o Daily Mirror, em 1904, marca uma mudança conceitual: as fotografias deixaram de ser secundarizadas como ilustrações do texto para serem definidas como uma categoria de conteúdo tão importante como a componente escrita. (SOUSA, 2002, p. 13)

Uma fotografia bem-sucedida tem o poder, então, de transmitir uma narrativa complexa, evocar emoções e provocar reflexões, tudo em um único enquadramento. Cada elemento na imagem, desde a composição até a escolha de cores, contribui para a transmissão eficaz da mensagem.

O fotojornalismo tem raízes profundas no século XIX, com o daguerreótipo e o surgimento dos jornais ilustrados. No entanto, foi no século XX que essa forma de expressão visual floresceu. Fotógrafos notáveis como Robert Capa, Dorothea Lange e Henri Cartier-Bresson deixaram um legado duradouro ao documentar eventos cruciais, desde conflitos armados até movimentos sociais. É importante pensar ainda que, como aponta Lombardi (2007, p. 19), “depois do período do pós-guerra, novos fotodocumentaristas surgiram com outras propostas, muitas vezes inspiradas em trabalhos de seus antecessores, abrindo caminhos para novas explorações imagéticas”.

A era digital transformou radicalmente o fotojornalismo. A instantaneidade das câmeras digitais e a disseminação rápida por meio da internet proporcionaram um fluxo constante de imagens. No entanto, essa facilidade também trouxe desafios, como a manipulação digital e a saturação de informações visuais. Sousa (2002) aponta que

As inovações tecnológicas foram provocando, por vezes conflituosamente, a necessidade de readaptação constante dos fotojornalistas a novos modelos e convenções, a novas rotinas produtivas, a novas táticas e estratégias profissionais de colheita, processamento, seleção, edição e distribuição de foto-informação. Atualmente, a fotografia digital e os meios de geração e manipulação computacional de imagem estão a provocar, novamente, esse tipo de efeitos. (SOUSA, 2002, p. 33)

Com o poder de influenciar a opinião pública, o fotojornalismo carrega uma responsabilidade ética significativa. A seleção de imagens, o contexto em que são apresentadas e a veracidade dos eventos capturados são considerações críticas. A busca pela verdade e a integridade visual são fundamentais para preservar a confiança do público.

O fotojornalismo não é apenas sobre a captura de momentos efêmeros; é sobre a construção de narrativas visuais que ressoam com a audiência. Cada imagem é uma peça em um quebra-cabeça mais amplo, contribuindo para a compreensão coletiva de eventos, questões e experiências globais.

Num mundo saturado de informações visuais, o fotojornalismo permanece como uma força vital na narrativa informativa. Sua capacidade de transcendência linguística, evocar emoções e provocar reflexões faz dele um meio essencial para a compreensão do nosso tempo. Ao preservar momentos cruciais e ao iluminar a complexidade do mundo, o fotojornalismo continua a desempenhar um papel crucial na formação da nossa compreensão coletiva e na preservação da memória visual da humanidade.

4. 4 Fotodocumentário

O fotodocumentário é uma forma de expressão visual que transcende o simples ato de capturar imagens, transformando-se em uma narrativa poderosa que conta histórias, explora questões sociais e culturais, e, por vezes, desafia a percepção convencional da realidade. É uma fusão única de fotografia e documentação que busca ir além do instantâneo, adentrando profundamente nas complexidades do mundo que nos rodeia.

O fotodocumentário, por natureza, é mais do que um mero registro fotográfico de eventos ou cenários. Ele incorpora uma abordagem documental, onde o fotógrafo assume o papel de observador e cronista,

imortalizando momentos que capturam autenticidade e profundidade emocional. Cada imagem serve como um fragmento de uma história mais ampla, e o conjunto de fotografias forma uma narrativa visual coesa.

Lombardi (2007) define a fotografia documental como:

um gênero fotográfico que engloba uma grande diversidade de propostas éticas e estéticas, formando uma verdadeira espiral de contradições e aderências sobre a sua prática, valores e propósitos. Temas sociais, impressões sobre o mundo, vida cotidiana, cenas de guerra, registros de viagens, os mais diferentes tipos de fotografias podem ser classificados como documentais. (LOMBARDI, 2007, p.31)

O embrião do fotodocumentário pode ser rastreado até os primórdios da fotografia, quando os pioneiros como Lewis Hine utilizaram suas câmeras para documentar questões sociais, como as condições de trabalho infantil nos Estados Unidos na virada do século XX. Esses fotógrafos visionários estabeleceram um precedente para uma abordagem mais comprometida e envolvente, promovendo a consciência social por meio de imagens. Lombardi afirma ainda que

Nos anos 1950, os novos fotógrafos documentaristas já não tinham mais o mesmo interesse pela tarefa de reformar a sociedade. Seus precursores tinham, de fato, despertado algumas consciências: Lewis Hine (1874-1940), por exemplo, tornou-se fotógrafo oficial do National Child Labour Committee, dos EUA, e suas fotos de crianças trabalhando por mais de 12 horas, em fábricas e minas, influenciaram os legisladores a tornar o trabalho infantil ilegal. Porém, não haviam conseguido transformar a humanidade, como muitos chegaram a acreditar. (LOMBARDI, 2007, p.14)

A Grande Depressão nos Estados Unidos foi um período que testemunhou um dos momentos mais impactantes na evolução do fotodocumentário, com o trabalho icônico de Dorothea Lange. Sua famosa fotografia “Mãe Migrante”¹ encapsula a essência do sofrimento humano durante essa época difícil, exemplificando como as imagens podem transcender o momento para contar histórias duradouras.

A fundação da agência Magnum Photos², em 1947, por fotógrafos renomados como Robert Capa e Henri Cartier-Bresson, marcou um capítulo significativo na história do fotodocumentário. Esses fotógrafos não apenas registraram eventos históricos, mas também moldaram a percepção do público por meio de suas lentes, destacando o papel fundamental da fotografia na construção da narrativa histórica.

¹ Disponível em: <https://culturafotografica.com.br/a-mae-migrante/> Acesso em: 08 ago. 2024.

² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/15/cultura/1497515001_383889.html Acesso em: 08 ago. 2024.

Na contemporaneidade, fotógrafos como Sebastião Salgado expandiram os limites do fotodocumentário, não apenas capturando a realidade, mas também advogando por mudanças sociais e ambientais. Seu projeto “Gênesis” é um testemunho visual da beleza natural e da necessidade de preservação, demonstrando como o fotodocumentário pode ser um agente de conscientização e transformação. O projeto também se destaca por ter se tornando objeto de estudo para as diferentes áreas, como afirma Santos (2018):

Nesse sentido, Gênesis fornece-nos elementos que capacitam entender a fotografia como um poderoso instrumento crítico de decodificação e de visualização de imagens na contemporaneidade. Suas fotografias são testemunhos de grupos sociais que sobreviveram à transformação da natureza em mercadoria operada pelo capitalismo, ampliando assim, o campo de percepção da geografia. A altíssima qualidade das imagens nos desloca para dentro do ambiente em que foram realizadas, colocando-nos como testemunhas coniventes com as grandes mudanças globais. (SANTOS, 2018, p.263)

O advento da era digital ampliou as possibilidades do fotodocumentário. A facilidade de produção e compartilhamento de imagens permitiu que uma variedade maior de vozes se expressasse, democratizando a narrativa visual. Fotógrafos amadores e profissionais agora têm plataformas globais para compartilhar suas histórias, contribuindo para uma compreensão mais diversificada do mundo.

Enquanto o fotodocumentário evolui, também enfrenta desafios éticos. A manipulação digital, a representação equitativa e o respeito à privacidade são considerações cruciais para os fotodocumentaristas. A busca pela verdade e integridade visual permanece uma responsabilidade fundamental.

O fotodocumentário, ao longo de sua evolução, consolidou-se como uma forma única de contar histórias, iluminar questões sociais e culturais, e provocar empatia e reflexão. Cada imagem não é apenas um vislumbre momentâneo, mas um convite para uma jornada mais profunda na condição humana. O fotodocumentário continua a desafiar e inspirar, revelando que, através de uma lente comprometida, podemos capturar a essência do nosso tempo e construir pontes de compreensão e empatia.

5. PROCESSO DE PRODUÇÃO

Este projeto teve início em 2020, durante o período de pandemia de COVID-19. A primeira fase do trabalho concentrou-se na parte escrita, uma vez que as restrições sanitárias impossibilitaram a realização de visitas a residências para a captação de fotografias. Esse período de isolamento social

foi fundamental para aprofundar meu contato com outras obras de arte relevantes, que são mencionadas ao longo deste trabalho.

Além das referências artísticas, foi crucial buscar uma sólida base teórica para sustentar o desenvolvimento do projeto. A pesquisa teórica envolveu a revisão de literatura acadêmica, artigos e estudos que abordam temas relacionados à fotografia, fotojornalismo e personalidade. Essa fundamentação teórica proporcionou uma compreensão mais profunda dos conceitos e metodologias que poderiam ser aplicados ao projeto, enriquecendo a abordagem e a execução das ideias propostas.

Com a base teórica estabelecida, iniciou-se a discussão sobre a viabilidade prática do projeto. Inicialmente, a proposta era realizar o trabalho na cidade de Viçosa, onde residi durante o período acadêmico. No entanto, devido à pandemia, precisei retornar à casa dos meus pais em São Paulo, o que exigiu uma reavaliação e adaptação do local de execução do projeto. Mesmo iniciando o projeto durante a pandemia, a parte prática do projeto só foi iniciada em 2023, portanto esta foi a única alteração necessária.

5.1 Pré produção

Com a retomada do projeto em 2023, surgiu a necessidade de definir estratégias para encontrar fontes dispostas a permitir que seus quartos fossem fotografados. Inicialmente, enfrentei dificuldades, pois a proposta era registrar o quarto em seu estado atual, sem que houvesse uma arrumação prévia. Esse desafio era acentuado pelo fato de que, ao entrar em contato antecipadamente com a pessoa, não poderia garantir que o quarto permanecesse inalterado.

O quarto é um ambiente íntimo e pessoal, o que levou muitas pessoas a recusarem a participação no projeto. Alguns justificaram que seus quartos estavam desarrumados e sentiam vergonha do estado em que se encontravam, preferindo não participar mesmo após eu explicar que a intenção era justamente capturar essa realidade. Assim, a relutância em mostrar um espaço desorganizado foi uma barreira significativa.

Para contornar essas dificuldades, desenvolvi uma abordagem mais eficaz. Primeiro, apresentava o projeto a um conhecido e, através dessa pessoa, solicitava indicações de possíveis fontes. Em seguida, visitava a casa da pessoa indicada sem aviso prévio. Ao chegar, o conhecido enviava uma mensagem ao morador perguntando se estava em casa e, ao receber uma resposta afirmativa, informava que estava no portão e pedia para entrar, alegando estar por perto e querer fazer uma visita.

Quando a porta era aberta, as pessoas se deparavam com o conhecido e comigo, inicialmente sem entender a situação. Eu, então, explicava o projeto. A reação das pessoas era quase sempre a mesma: mesmo quando concordavam em permitir as fotos, a resposta inicial era algo como "Só deixa eu dar uma arrumada antes". Novamente, eu reforçava que a ideia era fotografar o quarto exatamente como ele estava naquele momento.

Para este projeto, decidi utilizar a câmera de um celular para as fotografias. Após alguns testes, constatei que, ao utilizar a qualidade máxima da câmera do celular, as imagens apresentavam uma qualidade excelente, comparável à de uma câmera intermediária. A escolha do celular se mostrou mais adequada ao projeto por proporcionar maior versatilidade e discrição, já que uma câmera grande poderia intimidar as pessoas, mesmo que elas não fossem diretamente retratadas. O modelo utilizado foi o iPhone 14 Pro, que possui a funcionalidade de fotografar em RAW, permitindo a captura de arquivos brutos necessários para a pós-edição.

5.2 Produção

O processo de captação das fotografias teve início em outubro de 2023, utilizando um iPhone 14 Pro. A escolha desse equipamento foi estratégica, devido à sua versatilidade proporcionada pelas três câmeras integradas: uma lente de 13 mm com abertura $f/2.2$, outra de 24 mm com abertura $f/1.78$, e uma terceira de 77 mm com abertura $f/2.8$. Essa variedade de lentes ofereceu a flexibilidade necessária para capturar tanto imagens mais amplas, que proporcionam uma visão panorâmica do espaço, quanto detalhes. Além disso, a capacidade do iPhone de gerar arquivos em formato RAW foi crucial, pois permitiu uma edição detalhada e precisa, preservando a integridade das cores e texturas originais.

Ao chegar à residência dos participantes, meu primeiro passo era estabelecer uma conexão pessoal através de uma conversa introdutória. Durante esse diálogo, explicava o objetivo do projeto e a importância de capturar os quartos em seu estado natural, sem arrumações prévias. Essa abordagem não apenas ajudava a construir confiança, mas também assegurava que as fotografias refletissem a verdadeira essência do espaço, sem influências externas. Para garantir essa autenticidade, solicitava que o(a) proprietário(a) do quarto se ausentasse durante a sessão, o que me permitia um tempo a sós para estudar o ambiente e identificar os elementos que mais se destacavam.

Com o ambiente analisado, iniciava o processo de fotografia. Minha abordagem começava com capturas amplas, utilizando a lente grande angular para fornecer uma visão geral do quarto. Essa etapa era essencial para contextualizar o espaço e oferecer uma perspectiva abrangente. Explorava cada canto do quarto, buscando diferentes ângulos e enquadramentos que pudessem revelar novas facetas do ambiente. Após essa fase inicial, focava em detalhes que chamavam minha atenção, utilizando lentes com maior capacidade de zoom. Esses detalhes, muitas vezes sutis, eram fundamentais para transmitir a personalidade e o caráter únicos de cada quarto.

As fotografias foram realizadas através do aplicativo Lightroom, que oferece um controle manual sobre as configurações da câmera do celular. Essa ferramenta foi escolhida por sua capacidade de ajustar parâmetros como exposição, balanço de branco e foco, permitindo-me adaptar rapidamente às condições de iluminação de cada local. Optei por utilizar exclusivamente as fontes de luz já existentes no ambiente, como lâmpadas e luz natural que entrava pelas janelas. Essa decisão foi tomada para preservar a autenticidade visual do quarto, evitando que luzes adicionais alterassem a percepção original do espaço.

As sessões fotográficas tinham duração de 20 a 30 minutos, um período suficiente para permitir uma observação do ambiente, ajustar os parâmetros da câmera e capturar as imagens com a paciência necessária para não perder nenhum detalhe significativo. Cada sessão era uma oportunidade de explorar e documentar a singularidade de cada quarto, garantindo que cada fotografia fosse uma representação fiel e autêntica do espaço.

Em algumas situações, a limitação de espaço físico no quarto necessitava da utilização da técnica de mesclagem de fotos. Essa técnica envolvia a captura de uma sequência de fotos com variações sutis de ângulo, que posteriormente eram combinadas em uma única imagem coesa durante a pós-edição. Essa abordagem permitiu superar restrições espaciais e capturar o ambiente conforme planejado, sem comprometer a qualidade ou a integridade visual. Com todas as fotografias capturadas, o processo de edição começou.

O projeto, principalmente ao longo desta etapa, não só expandiu minha compreensão sobre a fotografia como também aprofundou minha apreciação pela singularidade de cada espaço capturado. Cada quarto, com suas peculiaridades e histórias, contribuiu para um mosaico rico e diversificado, refletindo as personalidades únicas de seus ocupantes. Essa experiência reforçou a ideia de que a fotografia é uma ferramenta poderosa de expressão e documentação, capaz de capturar não apenas imagens, mas também emoções e narrativas pessoais.

5.3 Pós produção

Com a conclusão das capturas fotográficas, iniciou-se o processo de seleção das imagens. Originalmente, foram tiradas 314 fotografias, das quais 44 foram escolhidas para compor o projeto final, sendo 4 fotos de cada quarto. Essa seleção foi uma etapa crucial, pois determinou quais imagens melhor representariam a personalidade dos quartos e, por extensão, de seus habitantes. Durante essa fase, as fotografias foram avaliadas com base em critérios rigorosos, como a exposição correta, o balanço de branco adequado, o foco preciso e o enquadramento mais eficaz. Esse processo, embora demorado, foi essencial para garantir que cada foto escolhida contribuísse de maneira significativa para a narrativa visual do livro.

Dentro do processo de seleção, surgiu a necessidade de mesclar algumas fotos. A mesclagem é uma técnica que permite combinar fotografias tiradas da mesma posição, mas com angulações ligeiramente diferentes, para criar uma imagem mais rica e detalhada. O software de edição, neste caso o Adobe Lightroom, realiza essa mesclagem automaticamente, mantendo a qualidade do arquivo original. Essa funcionalidade foi particularmente útil para capturar a complexidade e a profundidade dos quartos, permitindo que cada detalhe fosse preservado.

O Adobe Lightroom foi a ferramenta escolhida para a seleção e edição das fotografias devido à sua interface intuitiva e à capacidade de lidar com grandes quantidades de imagens de forma eficiente. Além disso, o software oferece uma ampla gama de ferramentas de edição que garantem que as fotografias alcancem um nível de qualidade excepcional após o processo de edição.

Após a seleção, as imagens escolhidas passaram por uma edição básica. O primeiro passo envolveu ajustes na exposição, no balanço de branco e no nivelamento, quando necessário, além da correção do perfil das lentes. Todas as lentes fotográficas introduzem algum nível de distorção, e esta ferramenta permite corrigir essas imperfeições, assegurando que as imagens reflitam com precisão a realidade capturada. Durante esta fase, foram realizadas alterações básicas e gerais nas fotografias para estabelecer uma base sólida para edições mais específicas.

A etapa seguinte focou em correções pontuais em cada imagem. Ajustes em áreas excessivamente claras ou escuras foram realizados para garantir que o foco principal da fotografia estivesse nítido e livre de distrações visuais. Como o objetivo era retratar a totalidade dos quartos, esses ajustes foram fundamentais para destacar os elementos que não estavam tão aparentes.

5.4 Contextualização dos quartos

Cada quarto fotografado no livro reflete a personalidade única de seus ocupantes, incorporando um fragmento de suas histórias pessoais. O primeiro quarto destaca-se pelo gosto da ocupante por eventos sociais e seu hábito de acordar tarde nos finais de semana. As fotografias foram capturadas ao meio-dia em um dia ensolarado, mas a janela permanecia fechada, evidenciando sua preferência por dormir até mais tarde. As roupas espalhadas pelo chão eram as utilizadas na festa da noite anterior.

O segundo quarto chama a atenção pelo grande espelho com luzes, além de produtos de maquiagem e cuidados capilares, indicando a preocupação do ocupante com a estética pessoal. A variedade de roupas e calçados reforça esse cuidado. O terceiro quarto é notável pelas decorações alusivas a filmes e videogames, além das pipas na parede. Pertencente a um adolescente, é possível perceber a transição entre infância e adolescência através dos elementos decorativos que remetem à infância, juntamente com produtos de cuidado pessoal que refletem uma crescente preocupação com a aparência.

O quarto espaço destaca-se por ser compartilhado entre a pessoa e seu namorado, evidenciado pela presença de uma segunda cama no chão. Ambos não se consideram organizados e a desordem é uma característica comum, refletindo a natureza descontraída entre os dois. No quinto quarto foi a pessoa que mais mostrou-se receptiva ao fotografar o espaço, mesmo sem arrumar o ambiente. Apesar de poucas decorações, o quarto pertencia à mãe da pessoa, que, após seu falecimento, passou a dormir ali, mantendo tudo como estava, exceto pelas próprias roupas.

O sexto quarto aparenta ser de uma criança, mas pertence a um adolescente com autismo. A decoração cheia de brinquedos aparece em outros quartos, mas neste caso são brinquedos que ele ainda utiliza para brincar. O sétimo quarto pertence a uma bailarina que aprecia decorações, preenchendo todos os cantos do local. Em contraste, o oitavo quarto, de outra bailarina, é minimalista, contendo apenas o essencial.

O nono quarto é escassamente decorado, pois o proprietário passa semanas sem dormir ali, preferindo o quarto da parceira em outra residência. O décimo quarto é o mais organizado, com a dona mantendo-o arrumado diariamente. Ela ainda preserva alguns brinquedos como elementos decorativos, mas estes se concentram em um único lado do ambiente.

Por fim, o último quarto é o meu, onde estão representados todos os meus interesses: música, com instrumentos reais e decorativos; esportes, com objetos do Corinthians, meu time; fotografia, com câmeras e quadros; e meus brinquedos antigos.

O conceito por trás da edição foi manter a autenticidade do ambiente fotografado. Evitei alterações nas cores, buscando sempre a fidelidade à cena original. Isso significa que não explorei um estilo visual criativo uniforme para todas as imagens, mas sim respeitei as características únicas de cada ambiente. Com a edição concluída, passei para a diagramação do livro.

Ao conceber o design do livro, busquei inspiração na “Coleção 100 anos de Fotografia Pelas Lentes da Folha”, uma série notável composta por 10 volumes que reúne fotografias do acervo da Folha de S. Paulo. Essa coleção se destacou para mim não apenas pela qualidade das imagens, mas também pelo seu formato compacto, que foge do padrão tradicional dos livros fotográficos. A escolha de um tamanho menor para os volumes da coleção me fez refletir sobre a importância da acessibilidade e da portabilidade em publicações fotográficas, especialmente em um mundo onde o digital e o físico frequentemente se entrelaçam.

Com essa inspiração em mente, decidi que o meu livro teria dimensões de 26 cm de largura por 19 cm de altura. Embora atualmente o livro seja digital, essas dimensões foram escolhidas com a possibilidade de uma futura impressão. Assim, o formato já está preparado para uma transição para o físico, garantindo que as fotografias, todas capturadas na orientação horizontal, possam ser apreciadas em sua totalidade em ambos os formatos. Essa escolha de formato não só facilita a visualização das imagens, permitindo que ocupem a maior parte da página, mas também proporciona uma experiência estética que convida o leitor a mergulhar em cada detalhe capturado pela lente.

A capa do livro é uma fotografia do meu próprio quarto, um espaço que serviu como uma fonte de inspiração ao longo do projeto. Meu quarto, com suas decorações e sua desordem característica, é uma extensão da minha personalidade e reflete a essência do que busquei capturar ao longo do livro: a interseção entre o espaço pessoal e a personalidade do indivíduo. Escolher essa imagem para a capa foi uma decisão intencional, destinada a estabelecer uma conexão pessoal com o leitor desde o primeiro contato visual com o livro.

O conceito do livro foi desenvolvido para ser simples, garantindo que as fotografias sejam o foco principal. Cada página foi projetada para destacar as imagens, acompanhadas apenas pelo título do livro e o nome do fotógrafo, que sou eu. Essa abordagem limpa e direta permite que cada fotografia se destaque e transmita sua própria narrativa sem interferências visuais ou textuais. O objetivo é proporcionar ao leitor uma experiência envolvente, na qual ele possa se perder nos detalhes de cada imagem e compreender as histórias únicas que cada quarto conta sobre seus habitantes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o curso de Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa, tive a oportunidade de participar de diversos projetos, sempre com um foco especial em atividades relacionadas à fotografia. Desde o início da minha trajetória acadêmica, a fotografia se destacou como meu principal meio de comunicação e expressão, permitindo-me transmitir sentimentos de maneira mais eficaz do que por meio da escrita. Assim, ficou claro para mim que meu trabalho final deveria ser centrado na fotografia. A ideia de fotografar quartos para capturar a personalidade das pessoas surgiu de forma natural, mas eu não tinha plena consciência da complexidade que um projeto dessa natureza poderia envolver.

Produzir um livro fotográfico revelou-se um desafio que ia além do simples ato de capturar imagens. Foi necessário desenvolver uma base teórica robusta, incorporando conceitos diversos e buscando referências artísticas não apenas no campo da fotografia, mas também em outras formas de arte. O objetivo do projeto era explorar um ambiente íntimo, como o quarto, que pudesse revelar traços da personalidade de seus ocupantes. O quarto, nesse contexto, funciona como um espelho, refletindo a essência de quem o habita e servindo como uma extensão da identidade pessoal.

Uma das principais dificuldades encontradas foi encontrar pessoas dispostas a permitir que seus quartos fossem fotografados sem uma arrumação prévia. Muitos recusaram participar, temendo expor a realidade de seus espaços pessoais, enquanto outros demoraram a se sentir confortáveis com a presença de um estranho em seu ambiente íntimo. Essa resistência inicial, no entanto, apenas reforçou a ideia de que o quarto é uma extensão poderosa da personalidade.

A complexidade do projeto residia, em grande parte, na relutância das pessoas em abrir seu espaço mais pessoal para ser fotografado. O verdadeiro obstáculo não era a fotografia em si, mas o estado de organização dos quartos, que gerava vergonha e insegurança. Curiosamente, pessoas com apenas alguns objetos fora do lugar demonstravam mais insegurança em relação ao julgamento do que aquelas com quartos totalmente desorganizados. Esse aspecto foi enriquecedor, pois refletia nuances da personalidade de cada indivíduo e me permitiu capturar a essência que eu desejava expressar.

Cada quarto fotografado conta uma história única, revelando detalhes com sutileza e profundidade. Conhecer as pessoas que participaram do projeto e observar como suas histórias de vida se refletiam em seus ambientes íntimos foi uma experiência extremamente valiosa. Isso me levou a refletir sobre a importância e o significado do meu próprio ambiente íntimo.

Ao final do projeto, ainda faltava fotografar meu próprio quarto, que serviu de inspiração para todo o trabalho. Ele é um reflexo da minha personalidade desde a infância até os dias atuais, com objetos que guardo há anos, representando minhas paixões por esporte e música, além de lembranças valiosas. Este projeto não apenas me permitiu explorar a fotografia de novas maneiras, mas também me ensinou a ver objetos comuns sob uma nova perspectiva, reconhecendo seus múltiplos significados frequentemente ignorados.

Em suma, essa jornada fotográfica ampliou minha compreensão sobre a diversidade humana e a capacidade da fotografia de revelar aspectos profundos da personalidade através de simples objetos e espaços. Ela me proporcionou uma nova forma de enxergar o mundo ao meu redor, valorizando as histórias contidas em cada detalhe aparentemente trivial.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. Disponível em: https://monoskop.org/images/d/d3/Barthes_Roland_A_camara_clara_Nota_sobre_a_fotografia.pdf Acesso em 10 nov. 2023
- CARVALHO, Ana Laís Silva. PINHEIRO, André. A ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO EM “LAVOURA ARCAICA” E “O QUARTO EM ARLES”. **ANAIS – XI EIEL** - Número 6, 2015, v. único – ISSN: 2179-4154
- GONÇALVES DA SILVA, Flávia. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural**. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 28, p. 169-195, 2009.
- JUNG, Carl. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. Ed. São Paulo-SP: Ateliê Editorial, 2001.
- LOMBARDI, Kátia Hallak. **DOCUMENTÁRIO IMAGINÁRIO: Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. [Dissertação de Mestrado] Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- NUNES, Ana Luísa. My Bed e To Meet My Past: A cama como revelação da intimidade e de (re)construções narrativas para Tracey Emin. **ARS**, n. 37. DOI: 10.11606/issn.2178-0447 São Paulo, 2019.
- OLIVEIRA, Erivam Morais de. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. 2006, Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf> Acesso em 15 nov. 2022
- OLIVEIRA, Deise Aparecida. **A Arte brasileira dos anos 1990 através da série “Quartos-São Paulo” de Rochelle Costi**. [Dissertação de Mestrado]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019.
- SANTOS, Laura D’Assunção dos. **Fotografia e exploração geográfica: diálogos com Gênesis, de Sebastião Salgado**. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 12, n. 1, abr/2018, p. 253-271.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fot Jornalismo: introdução a histórias, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.
- VALSINER, Jaan. **Culture in mind and societies**. New Delhi: SAGE, 2007.